

A TECNOLOGIA DIGITAL REINVENTANDO O APRENDIZADO

Integrar tecnologia às metodologias ativas de ensino pode revolucionar a forma de aprender

POR JÉSSICA RODRIGUES

Foi-se o tempo em que o livro didático era a única fonte de aprendizado dentro e fora das escolas. Na era de alunos “nativos digitais”, que já nasceram em contato com a tecnologia, reinventar o jeito de ensinar é fundamental para garantir aulas mais produtivas. Metodologias ativas que incluem a tecnologia como participante efetiva do processo de aprendizagem, como o ensino híbrido, a aula invertida e a sala 360°, já fazem parte da realidade de algumas escolas no Brasil e estão gerando ótimos resultados.

Segundo Ana Elisa Ribeiro, professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, a tecnologia digital permite que os alunos tenham acesso à informação com facilidade, rapidez e de forma totalmente autônoma. “Eles não precisam mais depender de um mediador único ou de um roteiro preestabelecido para aprender coisas novas”, afirma.

O letramento digital também se destaca nesse cenário, já que tem como finalidade ensinar o aluno a criar e se expressar por

meio da tecnologia. Para Pollyana Notargiacomo, professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e pesquisadora na área de Tecnologia Educacional e Jogos Digitais, mais do que incluir a tecnologia no ambiente escolar, é preciso rever os currículos das escolas para estabelecer que tipos de conhecimento, no âmbito digital, são relevantes para preparar o aluno para o futuro. “É necessário propiciar a interação das crianças com a tecnologia, para que elas não sejam apenas usuárias dos meios digitais, mas compreendam como eles funcionam, possibilitando formar pessoas com fluência digital e capacidade de solucionar problemas de forma diferenciada”, analisa.

INOVANDO AS METODOLOGIAS DE ENSINO

Com as novas formas de aprendizado, os alunos se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado. De acordo com Alessandra Borelli, diretora executiva da Nethics Educação Digital, o objetivo





USO DE METODOLOGIAS ATIVAS PELO MUNDO

A metodologia ativa já está presente em algumas escolas de diversos países. Veja dois exemplos bacanas a seguir:

PROJETO GLOBE

Criado em 1994, o programa educacional Globe, que já está presente em mais de 100 países, conecta milhares de escolas do mundo com cientistas norte-americanos. Participando do projeto, é possível que os alunos enviem informações ambientais aos pesquisadores para que eles ajudem a analisar e encontrar soluções, além de poder publicar a pesquisa no site do programa depois de finalizada, gerando um ambiente de ensino híbrido e um amplo compartilhamento de conhecimento.

Saiba mais: www.globe.gov

ESCOLA BURNETT ELEMENTARY (Califórnia, EUA)

A professora Alison Elizondo, do 4º ano do ensino fundamental da Escola Burnett Elementary, na Califórnia, encontrou uma forma de adaptar sua metodologia ao modelo híbrido. No projeto “We <3 2 Learn”, ela divide a aula em cinco etapas e, com o apoio das ferramentas digitais, coloca os alunos no centro de seu aprendizado. Eles criam problemas baseados nos conteúdos, propõem soluções, produzem vídeos mostrando como encaram os desafios e refletem sobre o que aprenderam.

Saiba mais: schools.khanacademy.org

QUANTO MAIS A ESCOLA SE ABRIR PARA A INTERATIVIDADE, TORNANDO-SE UM LUGAR DE MÚLTIPLAS VOZES, MAIS OS ALUNOS IRÃO APRENDER

Outro conceito híbrido de destaque é a sala 360°. Nessa metodologia, as fileiras e lousas perdem espaço para atraentes salas multimídia, onde o professor sai do papel de detentor único do conhecimento para se tornar mediador dos alunos. É o caso da Escola Arbos, da região do ABC, em São Paulo, que há sete anos adota uma metodologia de ensino totalmente focada em colocar o aluno como participante ativo de seu próprio aprendizado. “Pedimos tablet na lista de materiais, retiramos a lousa e colocamos a mesa do professor no centro da sala para estimular o trabalho colaborativo, considerando que o aluno, quando aprende, torna-se capaz de ensinar”, revela Paulo André Cia, mantenedor e diretor pedagógico do Colégio Arbos.

Para Andrea Ramal, doutora em Educação pela PUC-Rio, o sucesso do aprendizado atual depende das novas metodologias. “Não podemos mais conviver com uma escola linear em que o professor fala e o aluno apenas ouve. Quanto mais a escola se abrir para a interatividade, tornando-se um lugar de múltiplas vozes, mais os alunos irão aprender”, declara.

FORMANDO ALUNOS FLUENTES DIGITAIS

Assim como aprender a ler ou escrever, o letramento digital tornou-se uma prática social e cultural e busca proporcionar habilidades para dialogar com todos os dispositivos tecnológicos. “O letramento digital surgiu para mostrar que estar incluído no mundo digital não significa apenas saber mexer no computador, mas sim interpretar as informações contidas nele e, a partir daí, ter a capacidade de programar e adquirir novos conhecimentos. O aluno precisa saber buscar a informação por meio da tecnologia, mas o mais importante é saber o que fazer com ela”, pondera a pedagoga e especialista em Educação, na Cultura Digital, Cristiane Vizentin.

A Inglaterra foi o primeiro país a implantar esse tipo de currículo nas escolas e, desde 2014, ensina seus alunos a entender a linguagem tecnológica. Já no Brasil, a escola Móbile Integral foi pioneira em integrar o letramento digital como currículo escolar e, desde o início deste ano, assume a responsabilidade de formar alunos digitalmente fluentes e com um pensamento lógico computacional bem desenvolvido. “Trabalhamos para que nossos alunos adquiram, gradativamente, a habilidade de dialogar com diferentes recursos computacionais, sendo capazes de escrever e de interpretar as diversas linguagens de programação para que aprendam a encarar tais recursos como seus aliados cognitivos e instrumentos de resolução de problemas”, destaca Maria Helena Bresser, diretora-geral da Escola Móbile.

O principal objetivo é fazer com que as escolas entendam a real necessidade de fornecer ferramentas para que os alunos aprendam a pensar de forma crítica sobre os elementos e tecnologias que surgem constantemente. “As escolas se tornam ultrapassadas ao não reconhecer que suas práticas precisam fornecer subsídios para que os estudantes compreendam o mundo em que vivem”, finaliza a professora Pollyana Notargiacomo.

é simples: tornar a aula mais interessante, promovendo um maior engajamento e diferentes perspectivas de aprendizagem.

Um exemplo é o ensino híbrido, que mescla duas modalidades: a on-line, na qual o aluno assume o controle da sua aprendizagem e estuda sozinho por meio das ferramentas digitais, com acompanhamento personalizado; e a off-line, na qual ele pratica exercícios em sala, participa de debates e tira dúvidas com o professor. Segundo Maria Elizabeth Almeida, professora da PUC-SP e especialista em Tecnologia e Educação, ambas se complementam e aproximam o ensino da linguagem dos jovens. “O ensino híbrido, quando bem estruturado, faz com que as atividades on-line e off-line possuam uma relação de continuidade, provocando mudanças no modo de interagir e colaborar, tanto dos alunos como dos professores”, afirma.

A aula invertida faz parte desse modelo híbrido de ensino e consiste basicamente em inverter o processo tradicional de aprendizado. Ou seja, em vez de o aluno conhecer o tema em aula para depois praticar fora da escola, ele estuda o conceito da matéria em casa, com o apoio da tecnologia digital, e, depois disso, discute o assunto em sala com os colegas, tirando dúvidas com o professor. “Se o aluno não atua sobre o que ele precisa saber, provavelmente será mais difícil dizer que ele, de fato, aprendeu”, entende a professora Ana Elisa Ribeiro.